

ARTIGO DE PERSPECTIVA

Formação Especializada em Anestesiologia: Novos Paradigmas para o Futuro

Anaesthesiology Training: New Concepts for the Future

Inês Vieira^{1*} , Sarah Oliveira² , Henrique Gouveia³ 

Afiliação

¹Serviço de Anestesiologia, Centro Hospitalar Tondela-Viseu, Viseu, Portugal.

²Serviço de Anestesiologia, Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte, Lisboa, Portugal.

³Serviço de Anestesiologia, Hospital Central do Funchal, Funchal, Madeira, Portugal.

Palavras-chave

Anestesiologia/educação; Internato e Residência; Perceptoria

Keywords

Anaesthesiology/education; Internship and Residency; Preceptorship

A Anestesiologia exerce uma função central nos hospitais, tal tendo sido por demais evidenciado durante o período de pandemia. Somos cada vez mais solicitados para os mais diversos postos de trabalho, sem que tal se tenha refletido necessariamente num aumento do número de anestesiológicos. De facto, áreas como a anestesia regional, a ecografia clínica, a medicina da dor, a anestesiologia fora do bloco, a atividade de emergência e cuidados intensivos, não esquecendo ainda as áreas académicas e de investigação, têm-se desenvolvido e expandido consideravelmente nos últimos anos, impondo uma necessidade de atualização científica constante.

A par com este crescente grau de diferenciação, o programa do Internato de Formação Especializada em Anestesiologia tem vindo a sofrer alterações, nomeadamente o aumento da sua duração para cinco anos. Atualmente, a formação em Anestesiologia em Portugal apresenta um programa diversificado e bem estruturado, com requisitos curriculares laboriosos e exigentes, fazendo com que completá-los seja, por si só, um desafio. Mas estaremos no caminho certo?

Uma das alterações mais recentes ao programa formativo foi a introdução dos estágios obrigatórios em Hospitais de Grupo I no último ano de internato. Decorridos dois anos desde a sua implementação, foi realizado um inquérito aos Médicos Internos de Formação Especializada que tinham já completado o estágio, por forma a tentar apurar os eventuais ganhos para os mesmos e para os serviços que os receberam. De facto, as respostas revelaram um balanço positivo global para ambas as partes envolvidas.¹

Importa também perceber se o programa formativo estará

otimizado para a realidade do trabalho do anestesiológico do futuro: serão os estágios obrigatórios e opcionais suficientes para fazer face à progressiva diferenciação da especialidade? Vários países apresentam um internato de anestesiologia geral, sendo depois possível a realização de programas de *fellowship* para especialização em determinadas áreas. Deverá o mesmo ser pensado em Portugal para algumas áreas da Anestesiologia? Deveríamos estruturar a necessidade de números mínimos para a aquisição de algumas competências, nomeadamente nas áreas de ecografia cardíaca, anestesiologia pediátrica, POCUS, anestesia regional? Será o período de 6 meses dedicado à realização de estágios opcionais suficiente para a aquisição dessas mesmas competências? Ou providenciará apenas oportunidade de contacto com uma maior diversidade de valências que de outra forma não seria possível? Como deverão ser regulados estes estágios? Dever-se-ia diminuir o número de estágios opcionais para uma maior especialização ou manter a possibilidade de contacto com diferentes áreas? As respostas passarão por equacionar qual o futuro da Anestesiologia, para que se possa desenhar um programa de internato que vá de encontro à formação desses mesmos profissionais.

Existe ainda outra questão merecedora de reflexão – o exame final do internato. Há vários anos que a avaliação final dos internos é realizada com base em três momentos de avaliação oral, perante um júri de três elementos. No entanto, a imparcialidade e equidade são dificilmente mantidas por este padrão de avaliação, possuindo sempre um componente subjetivo inerente. Algumas especialidades médicas e cirúrgicas começam já a equacionar a substituição da prova teórica por um exame escrito, nacional, permitindo retirar alguma da subjetividade inerente à versão oral realizada por diferentes júris. Poderá este ser um caminho a ponderar? Com efeito, no editorial intitulado “Tempos

Autor Correspondente/Corresponding Author*:

Inês Ferreira Vieira

Morada: Av. Rei D. Duarte, 3504-509 Viseu, Portugal.

E-mail: ines.vieiraa@gmail.com

de Incertezas ou Tempo de Oportunidades?” publicado na Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia, os autores debruçam-se sobre esta temática, sugerindo a prova escrita como uma alternativa ao atual modelo de exame.² No entanto, outras opções ainda existirão. Tal como mencionado por Berger-Estilita J,³ em vários países europeus os momentos de avaliação são dispersos ao longo do internato, focando também avaliações clínicas como os OSCEs (*objective structured clinical examinations*) e os WBA (*workplace-based assessments*), fugindo à tendência de um único exame final e permitindo avaliar a componente clínica e competências não técnicas, essenciais à prática diária do anestesiológista.

Um outro tema a merecer destaque, pelo seu papel essencial na formação dos Médicos Internos, é a formação dos formadores. O Médico Interno passa uma grande parte do seu período de formativo em atividade clínica, onde a aprendizagem é realizada entre pares e pelos especialistas com quem contacta diariamente. Consequentemente, se queremos providenciar uma formação de elevada qualidade, importa formar os formadores. Não obstante, tal como mencionado no editorial previamente citado,² é frequente a verificação de uma considerável quebra na atividade científica e formativa dos especialistas em Anestesiologia após a conclusão da especialidade. Este é um ponto que tem merecido reflexão em sucessivas respostas ao referido editorial, evidenciando-se um elevado grau de concordância neste aspeto. Vários países, nomeadamente o Reino Unido,⁴ reforçam a necessidade da constante atualização, tendo recomendado números mínimos de horas de formação anuais para todos os especialistas em Anestesiologia. Num inquérito realizado aos Médicos Internos portugueses em 2016,⁵ vemos que um dos pontos mencionados é a falta de transmissão de *feedback*. No entanto, este é essencial para que exista aprendizagem efetiva, mitigando a perpetuação do erro inusitado. Na mais recente atualização do *European Training Requirement (ETR) in Anaesthesiology* pela *European Board of Anaesthesiology (EBA UEMS)*, este facto é claramente mencionado, assim como outras competências em formação que devem ser dominadas pelos especialistas em Anestesiologia.⁶ A importância do *debriefing*, apesar de bem estabelecida na literatura, continua a não ser uma realidade e muito espaço há para o enriquecimento da prática clínica diária com a transmissão de conhecimentos teóricos e práticos.

Apesar da elevada exigência teórica e científica durante o internato, a atividade assistencial ocupa a totalidade, ou frequentemente excede, o número de horas semanais de trabalho. É expectável que todo o estudo e produção científica seja feito fora do horário laboral, sendo este frequentemente desvalorizado, em detrimento da atividade assistencial. Este é, no entanto, um ponto essencial para garantir a qualidade e inovação dos trabalhos realizados, sob pena de críticas à qualidade científica produzida pelos Médicos Internos.

Alguns internatos incluem já horas de formação/estudo no seu horário semanal de trabalho, nomeadamente o Internato de Formação Especializada em Medicina Geral e Familiar.⁷ De forma semelhante, vários países permitem a alocação de horas do horário semanal dos especialistas em Anestesiologia à atividade científica. A valorização deste trabalho é essencial, tanto durante o período de internato como após a conclusão da especialidade, por forma a acompanhar o constante desenvolvimento médico e científico.

A Anestesiologia tem vindo a crescer como especialidade e constitui um dos internatos com maior grau de satisfação,^{5,8} tendo a sua procura aumentado ao longo dos anos.

Por forma a responder à crescente necessidade de anestesiológistas, assim como para acompanhar a maior exigência clínica e científica, empenhamo-nos a idealizar e a trabalhar para formar os anestesiológistas e Serviços de Anestesiologia do futuro, para que possamos prestar os melhores cuidados e continuar a evoluir como especialidade.

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio ou bolsa ou bolsa.

Proveniência e Revisão por Pares: Não comissionado; revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution, grant or scholarship

Provenance and Peer Review: Not commissioned; externally peer reviewed.

Submissão: 26 de abril, 2022 | Received: 26th of April, 2022

Aceitação: 11 de junho, 2022 | Accepted: 11th of June, 2022

Publicado: 29 de junho, 2022 | Published: 29th of June, 2022

© Author(s) (or their employer(s)) and SPA Journal 2022. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) Revista SPA 2022. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial.

REFERÊNCIAS

1. Roxo M, Vaz M, Vieira I. Formação Especializada em Anestesiologia: Um Retrato dos Estágios Internacionais. *Rev Soc Port Anestesiol.* 2022;31:14-5. doi:10.25751/rspa.26632
2. Mesquita G, Ferreira JL. Tempos de Incertezas ou Tempo de Oportunidades?. *Rev Soc Port Anestesiol.* 2020;29:44-7. doi:10.25751/rspa.20376
3. Estilita JB. Uma perspetiva externa aos “Tempos de incertezas ou tempos de oportunidades”. *Rev Soc Port Anestesiol.* 2020;29:136-8. doi:10.25751/rspa.20995
4. Archer J, de Bere SR. The United Kingdom's experience with and future plans for revalidation. *J Contin Educ Health Prof.* 2013;33 Suppl 1:S48-53. doi: 10.1002/chp.21206.
5. Bigotte MV, Godinho P, Gaibino N, Dias R, Sousa A, Mandanelo I, et al. Satisfação com o internato médico em Portugal. *Acta Med Port.* 2016; 29: 839-53. doi: 10.20344/amp.8406
6. European Board of Anaesthesiology (EBA UEMS). UEMS 2018.17 – European Training Requirements in Anaesthesiology.[accessed March 2022] Available at: https://www.uems.eu/__data/assets/pdf_file/0003/64398/UEMS-2018.17-European-Training-Requirements-in-Anaesthesiology.pdf
7. Programa de formação da área de especialização de Medicina Geral e Familiar. Portaria n.º 125/2019 de 30 de Abril. <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/125-2019-122195237>
8. Correia A, Mendes-Castro A. Porquê Anestesiologia? Inquérito nacional aos Internos de Formação específica em Anestesiologia Portugueses durante o primeiro ano de internato. *Rev Soc Port Anestesiol.* 2021;30:144-8. doi:10.25751/rspa.25909